

ENTRE VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES: A FANTASIA DA OBRA DE WALCYR MONTEIRO COMO ESTÍMULO À LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO

Marcelo Wilson Ferreira Pacheco ¹

RESUMO

O processo de alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental é um fenômeno dotado de particularidades e exigências, as quais imprimem ao trabalho dos profissionais atuantes neste processo, a busca constante pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas criativas e diversificadas a fim de atender a esta demanda. Olhando sob este prisma, os professores alfabetizadores de uma escola pública do município de Belém – Pa implementaram o evento “Semana do Folclore”, cujo objetivo foi desenvolver práticas de leitura que incentivassem o hábito de ler com base na oralidade e nos saberes populares comuns à realidade do aluno. Para isso, foi escolhida a emblemática obra “Visagens e Assombrações de Belém”, do escritor Walcyr Monteiro. Assim, durante cinco dias, foram promovidas atividades de leitura, escrita, reconto, musicalidade, trabalhos manuais, entre outras ações de caráter interdisciplinar envolvendo a referida obra literária, culminando com a visita e o diálogo com o autor na escola. Como resultados principais desta ação alfabetizadora, os destaques são a nova postura adotada pelos alunos diante dos contos com poucas ilustrações, mostrando-se motivados à leitura e a aproximação que estas crianças tiveram com traços da sua cultura oral, o que lhes despertou o interesse pelo hábito de ler e conhecer outras histórias do imaginário popular.

Palavras-chave: Alfabetização, Práticas de Leitura, Histórias do Imaginário Popular.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios dos educadores, sobretudo os que atuam diretamente no processo de alfabetização, é a busca por desenvolver práticas de leituras que sejam, de fato, eficientes e eficazes nas séries iniciais. Devemos nos perguntar, cotidianamente, como levar o aluno à diferentes gêneros textuais de forma satisfatória, estimulando sua curiosidade e lhe permitindo a descoberta de um mundo de experiências e oportunidades de leitura. Através dessas diferentes práticas, permitimos que o aluno se enxergue e reconheça através de sua realidade e cultura e, a partir disso, seja capaz de dialogar com outros contextos, através de uma relação íntima entre leitor e texto.

Sabemos que, para a formação de um bom leitor, a parceria entre família, aluno e escola é condição *sine qua non*. Todavia, nos deparamos com uma realidade lamentavelmente excludente, na qual nossos alunos pouco (ou quase nunca) são estimulados em casa à leitura; é

¹ Mestre em Ensino, pelo Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologia de Ensino Superior, da Universidade Federal do Pará - UFPA, celopacheco@hotmail.com;

isso soa alarmante à escola e ao professor, que se vê como o principal agente nesse processo e, diante disso, passa a adotar estratégias de estímulo à leitura que compensem a carência que este aluno tem de situações de leitura em seus demais espaços de convivência.

Outra de nossas angústias, como professores, é verificar que nas, séries iniciais, boa parte de nossos alunos quando se interessa em folhear livros, somente o faz se houver muitas ilustrações, deixando em segundo plano o texto escrito. Quando solicitamos aos alunos que leiam determinada história, mesmo aqueles que já conseguem sistematizar os símbolos adequadamente e que possuem uma boa sonoridade se sentem desestimulados diante de um texto com poucas figuras e muitos escritos, o que faz com que frases como: “Tenho que ler tudo?” ou “posso ler só duas linhas?” sejam comuns.

Este artigo vem tratar deste grande desafio: tornar a leitura prazerosa, não somente pelas belas ilustrações, ou pelas histórias resumidas de modo que comprometa a proficiência do desenvolvimento de um pensamento reflexivo, mas pelo mundo de possibilidades que a leitura pode oferecer a este alunos e pela complexidade natural dessa prática que ocorre como um processo com ritmo e resultados muitos peculiares.

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER E A FORMAÇÃO DE BONS LEITORES

Sendo a Leitura uma atividade de suma importância dentro do contexto escolar, podemos perceber o papel que ela assume como linha que costura todas as demais práticas educacionais, haja vista que uma criança, quando começa a ter os primeiros contatos com a leitura, abre os olhos para um mundo de possibilidades e passa a conquistar conteúdos, cultura, lazer e, principalmente, uma visão de mundo ampla e significativa. Aliado a isto, a leitura amplia o raciocínio, a verbalização, a formalidade das palavras, dos textos escritos, dos diálogos formais e informais, enfim, auxilia numa infinidade de objetivos, que podem ser conquistados por meio do ato de ler.

É na infância que a criança inicia seu processo de leitura e tem seu primeiro contato com a compreensão de rótulos, desenhos animados, músicas, entre outras atividades diversas. Autores como Cagliari e Massini-Cagliari (1999) e Cagliari (2004) defendem a leitura pelo prazer de ler e afirmam que ninguém lê sem um motivo, principalmente a criança. No entanto, infelizmente, nem todos veem sentido para a leitura, pois essa pretensão depende também do contexto socioeconômico e cultural no qual o aluno está inserido. Assim, podemos concluir que o leitor precisa ser seduzido para a leitura, desde os primeiros anos da infância, pois

[...] se quisermos inculcar o hábito da leitura precisamos ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento e motivar a criança a ir ajustando o conteúdo de suas leituras à medida que suas necessidades intelectuais e condições ambientais forem mudando. (BAMBERGER, 1995, p. 20).

Sabemos que a rotina do professor em sala de aula é intensa. Dentre tantas atribuições, destacamos: o cumprimento do calendário escolar, apresentação dos conteúdos, superação das dificuldades de aprendizagens, etc. somado a isso, ainda precisamos lidar com a falta de colaboração das famílias no apoio ao aluno, a carência de recursos e apoio administrativo, entre outros. No entanto, mesmo diante dessa realidade (em certos momentos desmotivadora), não podemos esquecer de criar oportunidades para a prática da leitura, não como um passatempo, mas como uma ação sistemática e significativa à aprendizagem dos alunos, indo além da decifração dos símbolos, haja vista que

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam ‘decifrar’ o sistema de escrita. É - já o disse – formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes apenas de oralizar um texto selecionado por outro. (LERNER, 2002, p.27.)

Para Garcez (2001) o bom leitor evidencia em seu texto suas leituras prévias, revelando autoria e criatividade. Nesse sentido, o projeto de incentivo à leitura, objeto deste relato de experiência, foi implementado objetivando *desenvolver ações de leitura que incentivem o hábito de ler com base na oralidade e nos saberes populares comuns à realidade do aluno*. Para isso, tomamos como fundamentação literária a obra “Visagens e Assombrações de Belém” de autoria de Walcyr Monteiro e buscamos aproximar, através do reconto em sala de aula, encenações, jogos e brincadeiras, a fantasia abordada na obra à realidade dos alunos.

AS VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES INVADEM A ESCOLA – O PERCURSO METODOLÓGICO DO TRABALHO

Durante uma semana, no mês de agosto, denominada “Semana do folclore”, ocorreu em uma escola da rede municipal de educação do município de Belém/Pa, uma ação conjunta entre professores que se propuseram a trabalhar a cultura e os saberes populares do imaginário belemense como estratégia de incentivo à leitura.

A escolha pela obra “Visagens e Assombrações de Belém”, do autor paraense Walcyr Monteiro, representada por meio da Fig. 1, se justifica por dois principais motivos: o primeiro é o caráter simples e objetivo com o qual o autor escreve seus textos, o que facilita a compreensão dos jovens leitores sobre a temática abordada; e o segundo motivo se deu pelo

(83) 3322.3222

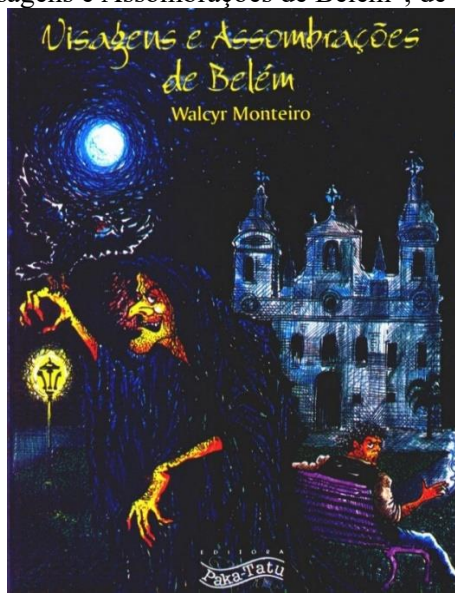
contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

fato desta obra dialogar muito tranquilamente com as peculiaridades do contexto no qual os sujeitos da ação pedagógica estão inseridos.

Quem de Belém do Pará nunca ouviu, em algum momento da sua vida, a história da “mulher do táxi”, ou a história de uma menina que queria bater na mãe com uma vassoura e virou uma estátua?

Fig. 1 – Capa do livro “Visagens e Assombrações de Belém”, de autoria de Walcyr Monteiro



Fonte: Monteiro (2012)

Em uma tentativa ousada de revisitar um dos hábitos mais peculiares do nosso povo, a cena da velha senhora que reúne seus netos sentados ao chão e lhes conta cenas do imaginário sobrenatural da nossa cultura, os professores da referida escola, durante a Semana do Folclore assumiram esse papel e se propuseram a descortinar este mundo sobrenatural diante dos olhos, ao mesmo tempo fascinados e assustados, dos alunos, apresentando-lhes esta emblemática obra da literatura paraense.

Durante os cinco dias de ações literárias, foram exploradas, inicialmente, capas de livros, resumos, imagens ilustrativas, chamadas etc, com foco no papel do escritor, trazendo para o aluno o conhecimento sobre essa profissão. Em seguida os alunos conheceram a obra “Visagens e Assombrações de Belém” e passaram a ouvir e contar as estórias fantásticas representadas nela, sendo incentivados, também, a recontarem os *causos* ouvidos em casa, contados por seus entes mais velhos. Trazendo, também, um viés interdisciplinar, o projeto contou com a ação dos professores de educação física e artes, que propuseram a encenação das canções “Tamba-tajá” e “O Uirapuru” de Waldemar Henrique, um importante maestro paraense. Realizamos leituras em roda, em duplas e leitura para a turma toda, estimulando o

aluno a se familiarizar com a prática do reconto oral. Por fim, finalizamos a semana do folclore com a ilustre visita do autor Walcyr Monteiro à escola que, em uma roda de conversa descontraída, expôs como se deu seu processo de escrita do livro, contou histórias e respondeu às dúvidas dos alunos.

Objetivando uma melhor compreensão do leitor sobre as ações desenvolvidas diariamente durante a Semana do Folclore, foi elaborado, para fins didáticos, o Quadro 1 contendo o detalhamento das atividades empreendidas no projeto.

Quadro 1 – Ações desenvolvidas durante a Semana do Folclore.

	ACÃO DESENVOLVIDA
1º dia	No primeiro dia, começamos falando sobre o que é ser um escritor; colocamos à disposição dos alunos diversos livros, os dividimos em duplas e pedimos para identificassem o título do livro e o autor, porém eles não podiam abrir os livros. Falamos da importância de toda história ter um título. Pedimos aos alunos para escolherem um livro, lemos o título, solicitamos aos alunos que, através somente do título, nos contassem sobre o que imaginaram que o livroalaria, e cada um foi falando... em seguida, cada professor leu uma história para eles. No final fizemos a reflexão que embora não tivéssemos lido o texto tínhamos uma “referência” através do título da história. Em seguida, questionamos a eles que história eles conheciam do nosso folclore, e assim fomos dialogando, como tarefa de casa pedimos que escrevessem uma lenda, pois no dia seguinte eles iriam lê-la para a turma.
2º dia	No segundo dia, algumas crianças leram a sua produção de casa para a turma. Aos alunos que ainda não adquiriram a habilidade da leitura demos a oportunidade de contar a história que ouviram em casa. Na oportunidade, falamos sobre o autor Walcyr Monteiro, mostrando algumas de suas obras, mas dando ênfase ao livro “Visagens e Assombrações de Belém”. Percebemos o entusiasmo de todos, embora o livro não fosse tão atrativo em termos de ilustrações, o assunto era, e por essa razão percebemos que muitos queriam ler as histórias, outros diziam “Tio(a) não sei ler, conta pra gente?!”. Neste momento aproveitamos para falar sobre a importância da leitura, pois através delas aprendemos coisas novas. Assim lançamos um desafio para que todos se dedicassem a esse processo. Finalizamos a aula contando uma das histórias contidas no livro, chamada “Encontro na praça”.
3º dia	No terceiro dia da Semana do Folclore, a aula foi conduzida pelas professoras de Música e Educação Física, sendo portanto um trabalho interdisciplinar. Durante a aula de música, a professora levou para a sala instrumentos musicais regionais como o curimbó, a flauta e instrumentos de percussão e mostrou para os alunos como manuseá-los e finalizou ensinando-lhes músicas regionais como “sabor açaí” de Nilson Chaves, “Uirapuru” e “Tambatajá” de Waldemar Henrique. Na aula de Educação Física, os alunos continuaram a trabalhar os contos de Walcyr Monteiro e tentaram encenar algumas histórias do livro.
4º dia	No quarto dia, os alunos tanto já estavam mais familiarizados com as histórias de visagens e assombrações que iniciaram o dia nos pedindo para contar-lhes novas histórias, porém deixamos que eles mesmos as contassem. Alguns alunos se prontificaram a ler e fizemos uma roda sentados no chão e ouvimos outras tantas histórias do livro. E, para não deixar de lado os alunos que ainda não sabiam ler, propusemos uma atividade na qual o professor contava a história a eles e os mesmos tinham que recontar a história para os demais, através da oralidade. Neste dia, enfatizamos também as brincadeiras que fazem parte do nosso folclore e que já não são tão realizadas hoje em dia. Realizamos com os alunos oficinas de confecção de brinquedos com materiais reciclados, como o pé-de-lata, por exemplo, que consistia em furar duas latas de leite e passar um cordão entre elas para que coloquem sob os pés e segurem o cordão tentando se locomover. Após a confecção do brinquedos, nos minutos finais da aula, todos foram para o pátio da escola brincar com seus novos brinquedos. Outros alunos confeccionaram cavalinhos com cabo de vassoura, vai e vem com garrafas PET e bilboquês também de PET e tampinhas. Nesta atividade aproveitamos para trabalhar o gênero textual Lista, no caso, lista de material para a confecção dos brinquedos.
5º dia	No último dia da Semana do Folclore ocorreu a culminância das ações de Leitura e valorização da Cultura. Neste dia recebemos na escola a ilustre visita do autor Walcyr Monteiro, que foi recebido ao som de “Uirapuru” do Maestro Waldemar Henrique, cantada pelos alunos. No tempo que esteve na escola, o autor conversou com os alunos, contou histórias, exibiu desenhos animados inspirados nos contos do livro “Visagens e Assombrações de Belém” e respondeu às diversas e inusitadas perguntas das crianças. Ao final da visita, Walcyr Monteiro promoveu uma movimentada sessão de autógrafos e se despediu prometendo voltar.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Durante os cinco dias de realização da Semana do Folclore, tanto alunos como professores vivenciaram experiências de grande valor e significado para o processo de alfabetização que já vinham empreendendo desde o início do ano letivo. As Fig. 2, 3 e 4 representam alguns desses momentos:

Fig. 2 – Parte do corpo docente com o escritor Warcyr Monteiro.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Fig. 3 – O escritor Warcyr Monteiro conversando com os alunos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Fig. 4 – Aluno brincando com o pé-de-lata.



Fonte: Elaborado pelo autor.

APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

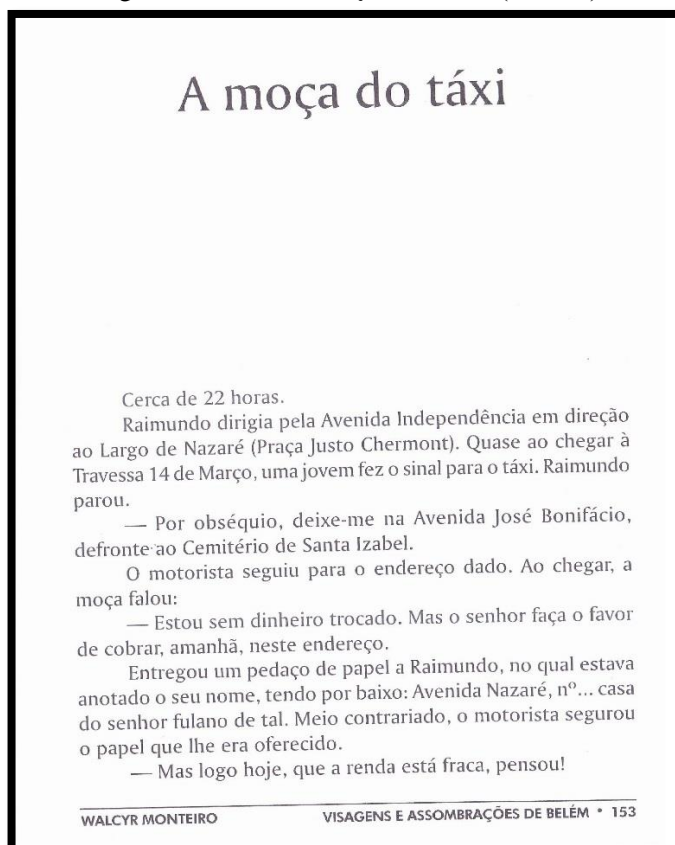
A leitura é uma prática que deve ser iniciada desde cedo com as crianças, e isso acontece, principalmente, através do contato com o mundo da fantasia, do imaginário dos livros. Se as crianças tiverem contato com esse universo desde pequenas certamente se desenvolverão melhor cognitivamente, afetivamente e socialmente.

O ato de ler se faz uma constante em nossas vidas desde que começamos a compreender o mundo que nos cerca.

Neste sentido, a Semana do Folclore da Unidade Pedagógica Solar do Acalanto cumpriu o seu papel de fomento à prática da leitura. E, além disso, deu àqueles alunos a oportunidade de conhecer o mundo sobrenatural que permeia a tradição e o folclore do nosso povo.

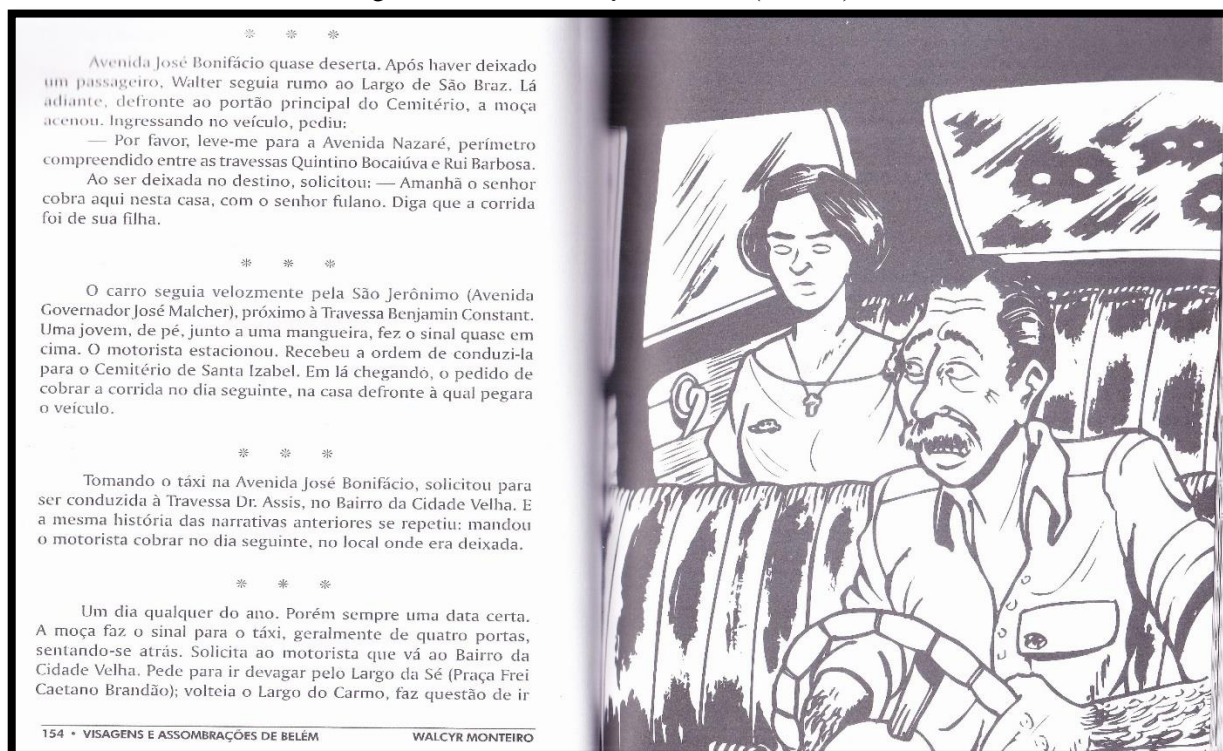
Dentre os diversos contos trabalhados em sala com os alunos, o que mais chamou atenção das crianças foi um que também é muito presente no imaginário do povo belemense: “A Moça do Taxi”, reproduzido por meio das Fig 5, 6, 7 e 8:

Fig. 5 – Conto “A Moça do Taxi” (Parte 1).



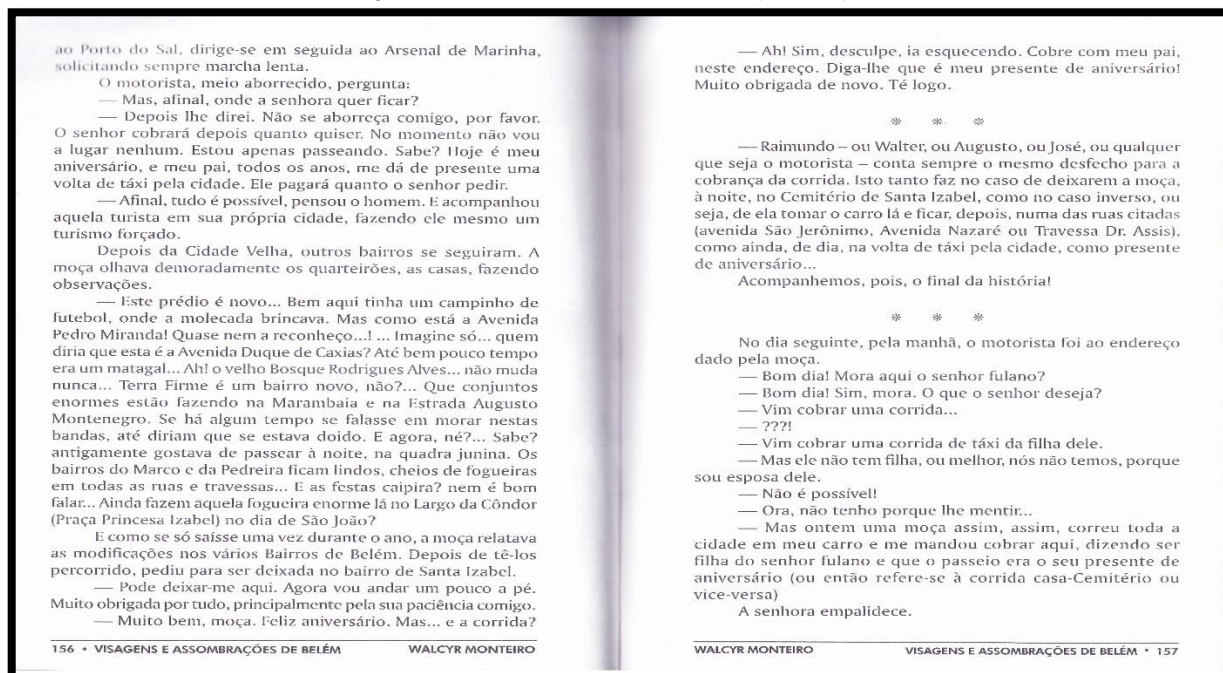
Fonte: Monteiro (2012)

Fig. 6 – Conto “A Moça do Taxi” (Parte 2).



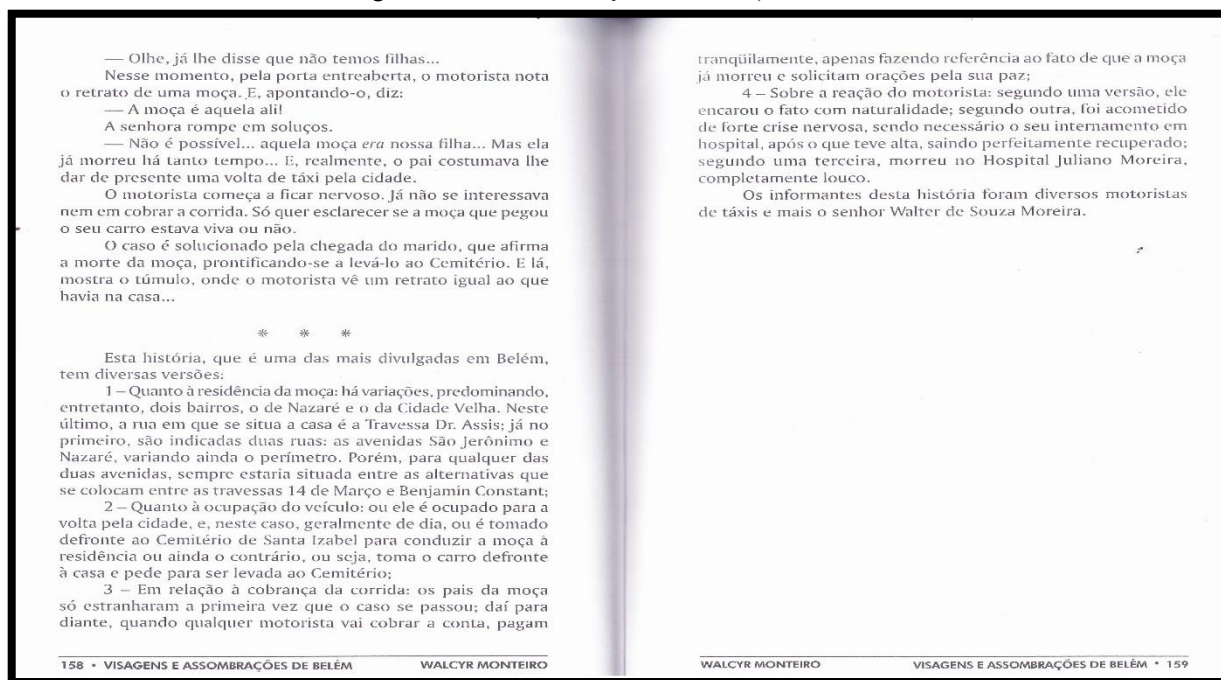
Fonte: Monteiro (2012)

Fig. 7 – Conto “A Moça do Taxi” (Parte 3).



Fonte: Monteiro (2012)

Fig. 8 – Conto “A Moça do Taxi” (Parte 4).



Fonte: Monteiro (2012)

Certamente, foram dias marcantes para a vida destes alunos, professores e para a história da escola, que se viu centro de produção intelectual e valorização cultural mais do que em qualquer outro momento histórico. Os alunos se sentiram estimulados a entrar neste mundo da leitura, no decorrer das aulas percebemos o amadurecimento da leitura daqueles que já liam e o interesse dos que ainda se encontravam no processo de aquisição. Desta forma, o desenvolvimento da leitura, tornou-se claramente mais prazeroso. Ao fim de todo o trabalho, a visita do autor, trouxe as crianças um momento de interação entre, leitor, obra e escritor; que certamente incentivará não apenas a leitura como o interesse pela escrita, pois o bom leitor reflete num bom escritor.

Chegamos à conclusão de que estimular a leitura por parte dos nossos alunos começa a partir de nós, educadores, que precisamos cultivem, em nós mesmos, este hábito e prazer e, além disso, precisamos educar pelo exemplo. Vimos que para estimular nossas crianças nesse sentido, basta uma boa ideia e ações direcionadas para este fim, com criatividade, ludicidade, adequação para faixa etária e, principalmente, o “querer fazer” que deve pulsar em cada professor para que a prática docente seja realizada de maneira eficaz e que os estudantes sejam atingidos qualitativamente em sua compreensão de mundo, sociedade, homem, buscando assim

uma melhoria na qualidade da educação, formando alunos leitores críticos, compreendendo a sociedade em que estão inseridos e valorizando, sobretudo, sua identidade e cultura.

REFERÊNCIAS

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1995

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. **Diante das letras. A Escrita na Alfabetização**. São Paulo: Fapesp, 1999.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2004.

GARCEZ, L. H. **Técnicas de redação: o que é preciso saber para escrever bem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. 6ª ed. Belém: Cromos Editora, 2012.